

## UM ENSINAMENTO NOVO QUE LIBERTA

### Mc 1,21-28

José Raimundo Oliva\*

#### **Resumo**

*Neste artigo a perícopre de Mc 1,21-28 será analisada no contexto de seu evangelho tendo em vista, também, o contexto em que este evangelho foi escrito. Isto envolve considerações sobre a tradição cristológica que já circulavam nas comunidades e sobre as suas raízes no Antigo Testamento. Pode-se perceber que a perspectiva de Marcos ao escrever seu evangelho é resgatar Jesus em sua vida, em seus atos e palavras, o que estava omissa na tradição cristológica. Marcos, assim, tem em vista realçar o evento da Encarnação como o acontecimento fundamental no projeto de Deus de comunicar a vida plena para todos.*

**Palavras-chave:** Sinagoga. Casa. Libertação. Conflito. Cristologia. Poder. Opressão. Serviço. Vida.

#### **Abstract**

*In this article the passage from Mk 1:21-28, will be analyzed in the context of his gospel, taking also in consideration the context in which this gospel was written, which involves considerations about the Christological tradition already circulating in the communities and about its roots in the Old Testament. We can see that Mark's perspective in writing his gospel is to rescue Jesus in his life, in his acts and words, which was missing in the Christological tradition. Mark therefore aims to highlight the event of the Incarnation as the fundamental event in God's design of communicating the fullness of life for all.*

**Keywords:** Synagogue. Home. Liberation. Conflict. Christology. Power. Oppression. Freedom. Life.

\* Graduado em Teologia pela Escola Dominicana de Teologia (São Paulo). Licenciatura Plena em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Formação em pesquisa bíblica pelo Curso Extensivo do CEBI; Assessor do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) de Pernambuco.

## Introdução

Marcos apresenta esta perícope logo no início de seu evangelho, na inauguração do ministério de Jesus, após o chamado dos quatro primeiros discípulos.

Em Cafarnaum, em um sábado, diante do ensinamento de Jesus, na sinagoga, os presentes ficam espantados com sua autoridade, diferenciando-o do ensinamento dos escribas. Marcos, então, menciona que “na sinagoga deles” estava um homem com um espírito impuro. Ao referir-se à “sinagoga deles” (v. 23), Marcos insinua que este não era o espaço de Jesus. No diálogo que segue, percebe-se a característica deste “espírito”. O homem com o espírito impuro, gritando, diz a Jesus: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos?...” Esta fala, no plural, sugere que o “espírito impuro” representa aqueles escribas da sinagoga, que “possuíam” aquele homem. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cala-te e sai dele’, e o espírito impuro, sacudindo violentamente aquele homem e soltando grande grito, deixou-o. Então os presentes se admiram, novamente: “Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!” A palavra de Jesus, em seu “novo ensinamento”, é uma fonte de luz que dissipa das mentes as trevas da ideologia do poder alienante. É um ensinamento novo que liberta e gera esperança e alegria entre todos. É a novidade do anúncio de Jesus com a proposta de conversão de vida, abandonando uma religião de legalismo e poder para aderir a uma prática do amor transformante das relações humanas, no desapego, na fraternidade, na justiça e na paz.

A seguir, articulada a esta perícope, Marcos apresenta outra, na qual, logo ao sair da sinagoga, Jesus, com Tiago e João, vai à casa de Simão (Pedro) e André, onde cura a sogra de Simão que estava de cama, com febre. Libertada da febre, ela se põe a servi-los (Mc 1,29-31). A febre da sogra de Simão simboliza a exclusão da mulher, a qual, então libertada, é valorizada na prática do serviço, que é o exemplo maior dado por Jesus. Ao entardecer, quando o sol se pôs, a cidade inteira se aglomera à sua porta, e Jesus cura muitos doentes e expulsa muitos demônios (Mc 1,32-34). Em continuidade Jesus vai em missão, percorrendo toda a Galileia.

Na articulação destas duas perícopes, Marcos aponta para o deslocamento da centralidade do ambiente da sinagoga para o ambiente da “casa”. Não mais o espaço formal sabático, sob o domínio da Lei, mas o espaço vital do convívio familiar e comum, do dia a dia, diante do qual a cidade inteira se aglomera.

No Evangelho de Marcos encontramos apenas três narrativas envolvendo a presença de Jesus em sinagogas. Na primeira vez, nesta perícope em destaque, na sinagoga Ele encontra um homem com espírito impuro; outra vez encontra um homem com uma das mãos atrofiada e Jesus o cura, o que provoca a ira dos fariseus e herodianos, que começam a conspirar contra Ele, sobre como o destruiriam (Mc 3,1-6). Na terceira vez, em Nazaré, ao ensinar na sinagoga, Jesus admirou-se do desprezo por suas palavras da parte daqueles de “sua pátria, de sua parentela,

de sua casa” (Mc 6,1-6). Com estas suas narrativas, Marcos nos delinea o conflito de Jesus com o rígido sistema religioso das sinagogas, centrado na Lei e no poder de seus chefes e alienado em relação aos valores fundamentais da vida.

### **1. O novo espaço da casa**

Mateus, no seu evangelho (Mt 4,12-13), destaca que Jesus, após a prisão de João Batista, por quem fora batizado, voltou para a Galileia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum. Esta é uma cidade à margem do Mar da Galileia, que serviu de base para a irradiação do ministério de Jesus para a Galileia e territórios gentílicos vizinhos. O povo da região, gentios em geral, estava sujeito à opressão do Império Romano, e aqueles vinculados ao judaísmo, sujeitos à opressão dos seus chefes religiosos, subservientes àquele império. Em Cafarnaum encontrava-se uma densa população em torno do comércio dos produtos que chegavam das regiões gentílicas vizinhas através do Mar da Galileia. Sendo um lugar de concentração de moradores judeus, aí, também, se localizava uma sinagoga.

Em Mc 2,1-2 temos referência à sua casa, nesta cidade: “Entrando de novo em Cafarnaum, depois de alguns dias souberam que Ele estava em casa. E foram tantos os que se aglomeraram, que já não havia lugar nem à porta”. É neste contexto que Jesus cura um paralítico que é descido diante dele através de uma abertura feita no teto da casa. Antes de curar o paralítico, Jesus, vendo a sua fé, proclama o perdão de seus pecados, o que suscita a ira de alguns escribas que ali estavam presentes, os quais consideram uma blasfêmia esta sua proclamação.

Mais adiante, em Mc 3,20, temos nova referência à presença de Jesus em sua casa: “E voltou para casa. E, de novo, a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar”. É neste contexto que, ao ser procurado por sua família, Jesus, “repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, diz: “Eis minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,34-35). Descartada a tradicional observância da Lei, temos a revelação de que é em fazer a vontade de Deus que, em comunhão com Jesus, nos tornamos filhos de Deus.

Em várias outras perícopes de Marcos (7,17-23; 9,28-29; 9,33-37; 10,10-12) é em casa que Jesus esclarece os discípulos sobre seus ensinamentos. E os “Doze” que foram chamados por Jesus são enviados para a missão nas casas (Mc 6,10).

### **2. O contexto em que é escrito o Evangelho de Marcos**

Marcos, a quem é atribuída a autoria do evangelho, é tradicional e consensualmente reconhecido como João Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, várias vezes mencionado no Novo Testamento. Esta tradição pode ser confirmada, também, na primeira carta de Pedro (1Pd 5,13). Ele era filho de Maria, que vivia em

Jerusalém, cuja casa era frequentada por Pedro e sua comunidade (At 12,12-17). Quando Barnabé e Paulo são enviados em missão pela comunidade de Antioquia, João Marcos os acompanha também (At 13,2-5). Porém, depois da experiência em Chipre, Marcos os abandona, voltando para Jerusalém (13,13). Esta atitude comumente é interpretada como um simples desinteresse pela missão, da parte de Marcos. Contudo pode-se supor que Marcos, logo de início, não se afinou com a opção de Paulo de priorizar as sinagogas no seu anúncio da Palavra, ou mesmo com o próprio conteúdo doutrinal cristológico do anúncio formulado por Paulo<sup>1</sup>. Mais tarde, Paulo, por iniciativa própria, resolve rever as comunidades visitadas, e convida Barnabé. Este lhe propõe que sejam acompanhados por Marcos, mas Paulo rejeita-o terminantemente e os dois separam-se (At 15,36-39).

Há certo consenso em que Marcos escreve seu evangelho em meados da década dos anos 60, isto é, cerca de 35 anos após a crucifixão de Jesus. Ao longo desses anos tinham surgido tradições sobre Jesus, principalmente entre convertidos do judaísmo, destacando-se a tradição cristológica, que se consolidou sob a influência da coletânea das epístolas paulinas. O destaque do Evangelho de Marcos é a encarnação do Filho de Deus, Jesus de Nazaré. Marcos procura resgatar as memórias históricas de Jesus, que conviveu com os discípulos “desde o batismo de João até o dia em que foi arrebatado (*anelêmphthê* – arrancado com violência) dentre eles” (cf. At 1,21-22). Contudo, em seu evangelho, continuam presentes traços da cristologia que permeava as tradições a que recorre. Sem se preocupar com as narrativas sobre o ressuscitado, Marcos encerra seu evangelho com o anúncio do túmulo vazio. Consensualmente, a parte final do evangelho (Mc 16,9-20) foi um acréscimo eclesiológico, tardio, ocorrido ao longo do processo de canonização do Novo Testamento, que culminou com o Concílio de Cartago no ano 397. Entre outras várias interpolações sofridas pelos textos do Novo Testamento, este acréscimo no Evangelho de Marcos, com coletâneas sobre aparições do ressuscitado, extraídas, tardiamente, dos outros três evangelhos, foi feito tendo em vista reforçar neste evangelho a dimensão do Cristo ressuscitado, glorioso. Pode-se supor, também, que a própria introdução ao Evangelho de Marcos, “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”, seja também uma inserção eclesiológica tardia, por seu caráter cristológico, assumindo, também, o termo “evangelho”, amplamente utilizado na tradição paulina.

“Cristo” (estrangeirismo grego, de *christós*), ou “messias” (estrangeirismo hebraico, de *mashîah*) têm o mesmo significado: “ungido”. É um título, atribuído, principalmente, aos reis de Israel, ungidos, particularmente à dinastia davídica. O cerne político do judaísmo era o messianismo e a glória terrena do povo eleito. Era uma herança da ideologia davídica de poder. Esta ideologia emanava do centro de poder religioso e político da Judeia e impregnava a mente do povo

1. Sobre esta análise veja o interessante livro de RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 1999 (título original: *El movimiento de Jesus antes de la Iglesia*).

humilde e submisso. A expectativa era a de um novo Davi, rei, “ungido”, o “cristo”, que restauraria o território de Israel, a sua glória e o poder hegemônico sobre o mundo, sob o controle da casta religiosa-econômica sediada no Templo de Jerusalém. A “cristo” associam-se três características: a realeza e a filiação divina da dinastia davídica e o sacrifício (modelo abraâmico, pascal e templário, do Antigo Testamento).

Na tradição cristológica, o título de realeza davídica, “cristo” = “messias” = ungido, foi atribuído a Jesus crucificado e ressuscitado. O ressuscitado, Cristo, é um novo Davi, assentado no trono celestial. A palavra “cristo”, de título passou a ser nome próprio de Jesus. Esta realeza cristológica é bem demarcada na Igreja com a festa de “Cristo Rei”, que encerra o ano litúrgico, iniciado com o nascimento de um pobre e humilde menino, filho de Maria. É uma trajetória de sucesso, bem parecida com a que é oferecida neste mundo.

Nos textos do Novo Testamento está presente uma tensão entre Jesus de Nazaré e o Cristo glorioso. Um é o enfoque sobre Jesus, nascido de Maria, que viveu em Nazaré, na Galileia. Outro é o Cristo, Jesus ressuscitado, glorioso e poderoso, que subiu aos céus e está sentado à direita do Pai (Lc 22,69; Ef 1,20). Estes dois enfoques se entrelaçam nos textos do Novo Testamento, por razões várias, porém podem ser distinguidos e separados.

A tradição cristã mantém a dicotomia contraditória entre Jesus de Nazaré, da Galileia, humano, humilde e histórico, convivendo com as multidões, e o Cristo pós-pascal, poderoso, glorioso, celestial, sentado à direita do Pai, descrito segundo as memórias e tradições das comunidades de convertidos do judaísmo, vinculadas a Jerusalém com seu Templo. A igreja imperial, consolidada com o Imperador Constantino, tem seu respaldo na cristologia do Antigo Testamento. Constantino “usufruiu” da idolatria messiânica que tem suas raízes no culto da realeza davídica, no Antigo Testamento.

### **3. Cristianismo e violência**

O cristianismo, com suas raízes na tradição messiânica/cristológica do Antigo Testamento, traz em si um inconsciente de violência. Em um processo de conversão, é importante trazer à luz este inconsciente para remover a prática da violência da parte do cristianismo, já manifestada na história e ainda em curso, sob formas variadas, em violência ostensiva ou violência das consciências. Dentre vários outros episódios, destacam-se a violência das cruzadas e das inquisições, bem como a violência colonial europeia cristã sobre os povos africanos e nativos americanos. As discriminações de gênero e de opção religiosa são também formas de violência, bem como as excomunhões na Igreja Católica, ainda atuais. A proclamação na liturgia de textos violentos, qualificados de sagrados e Palavra de Deus, é uma violência à consciência.

Pode-se perceber que a manifestação da violência na religião cristã tem raízes na imagem do Deus todo-poderoso, deus dos exércitos, que protege seu povo e destrói e mata seus inimigos, presente no Antigo Testamento.

Os salmos de realza, que passaram a ser considerados messiânicos pelos cristãos oriundos do judaísmo, estão impregnados desta violência. Lemos no Sl 110, um dos salmos messiânicos mais citados: “<sup>1</sup>Oráculo de Javé ao meu senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’. <sup>2</sup>Desde Sião, Javé, estendes teu cetro poderoso, e dominas em meio aos teus inimigos... <sup>3</sup>O Senhor está à tua direita, Ele esmaga os reis no dia da sua ira. <sup>4</sup>Ele julga as nações, amontoa cadáveres, esmaga cabeças pela imensidão da terra...”

Contemplamos também Judite que seduz Holofernes, corta-lhe a cabeça e depois, triunfante, exhibe-a cortada para seu povo. E ainda Ester, que seduz o rei persa Assuero e consegue que seja enforcado Amã, o mais eminente dos altos oficiais, e o povo judeu consegue massacrar seus inimigos potenciais: “*Foi um massacre, um extermínio, e fizeram o que quiseram de seus adversários... os judeus mataram e exterminaram quinhentos homens... respondeu Ester: ‘quanto aos dez filhos de Amã, que os seus cadáveres sejam dependurados na forca’..., os judeus de Susa mataram trezentos homens, os demais judeus das demais províncias... mataram setenta e cinco mil de seus adversários... No décimo quarto dia eles descansaram e fizeram desse dia um dia de festa e regozijo...*” (Est 9,5-19 – esta é a Festa do Purim, até hoje celebrada). Os dois livros de Judite e Ester foram considerados divinamente inspirados e incluídos no cânon católico pelo Concílio de Trento (1546).

O êxodo, que é ato marcante da proteção divina ao povo eleito de Israel, foi assumido como paradigma pela teologia da libertação. Contudo a intervenção da divindade é decididamente a favor dos eleitos, com violência praticada sobre o povo egípcio, oprimido pelo faraó. Os povos que ocupavam a “terra prometida”, tidos como inimigos destes eleitos, foram exterminados, o que revela como imprópria tal opção paradigmática.

A eleição divina de um povo está associada à discriminação e exclusão do diferente, bem como está associada à vocação ao poder e, em consequência, à ambição do dinheiro. À exclusão associa-se a violência, pois o diferente é visto como uma ameaça à identidade pessoal e é tido como “inimigo” que deve ser exterminado. Por outro lado, a qualificação de “eleito”, associada à aspiração ao poder, leva à disputa com outros poderes, que passam a ser inimigos. Nos salmos o inimigo é mencionado em 86 versículos, distribuídos em 51 salmos.

No interessante livro *A Bíblia pós-moderna – Bíblia e cultura coletiva*<sup>2</sup> temos uma referência ao autor Robert Allen Warrior, o qual concentra a atenção nas

2. VV.AA. *A Bíblia pós-moderna – Bíblia e cultura coletiva*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 285.

passagens bíblicas que enfatizam o Iahweh guerreiro e libertador que destruirá os cananeus e todos os outros povos indígenas. Ele compara a ocupação de Canaã pelos israelitas com a ocupação das Américas pelos europeus cristãos, exterminando as populações indígenas nativas e ocupando suas terras, acobertados pelos religiosos que pretendiam estar agindo em nome de Deus. Tal prática caracteriza a opressão dos dominadores em nome de Deus.

Neste mesmo livro<sup>3</sup>, temos a referência a Joanne Brown e Rebecca Parker, as quais afirmam que, “se aceitamos a visão de que a cruz fazia parte do plano divino de Deus, então Deus é uma divindade sádica”. E concluem: “O cristianismo é teologia abusiva que glorifica o sofrimento. É de admirar que haja tanto abuso na sociedade moderna quando a imagem predominante ou a teologia da cultura é de ‘abuso do filho divino’ – Deus Pai exigindo e levando a cabo o sofrimento e morte de seu próprio filho? Para o cristianismo ser libertador para os oprimidos, ele próprio deve ser libertado dessa teologia. Tal interpretação dada à morte de Jesus na cruz desvia a atenção das opressões reais sobre homens e mulheres”.

O tema da “eleição”, no Antigo Testamento, está na raiz da violência original. Hoje, em um mundo pluralista em valores, culturas e religiões, descartando-se a condição de “eleito”, busca-se a fraternidade universal, no direito, na justiça e na paz.

O Deus criador em sua criação revela um incomensurável poder. Porém, é por amor que Deus cria homem e mulher e, então, despoja-se de seu poder para se relacionar com eles no espaço da liberdade onde a vida desabrocha fecundada pelo amor. Deus é amor (1Jo 4,8b.16b).

A criação do homem e da mulher é um ato de amor de Deus, e a encarnação é a manifestação da plenitude deste amor divino. A encarnação é o dom ao homem e à mulher da participação na vida divina e eterna, por Jesus. Jesus nos revela a verdadeira face de Deus em sua relação com os homens e mulheres, aos quais ama indiscriminadamente. Os gestos de amor de Jesus são a expressão do amor do Pai. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). O Pai quer vida plena para todos, e para isto veio Jesus (Jo 10,10).

O amor de Deus difundido em nossos corações nos impele a vivermos a fraternidade, o serviço, a misericórdia, a reconciliação, em nossas comunidades e também no empenho em que vigore a justiça nas relações econômicas na sociedade e entre as nações e os povos. O amor de Deus está presente no mundo, em todos os povos e culturas, em todo empenho na promoção da vida e de edificação da paz que permanece para sempre.

3. VV.AA. *A Bíblia pós-moderna*, 2000, p. 300.

#### 4. A prática amorosa de Jesus

No Evangelho de Marcos o destaque é sobre Jesus de Nazaré, “desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrancado” (cf. At 1,21-22). Em lugar do Cristo ressuscitado, Marcos apresenta o Jesus humano, no qual temos a revelação do Pai. O batismo de João, com seu compromisso com a prática da justiça é o fato fundante do ministério de Jesus.

Pode-se falar em uma verdadeira conversão de Jesus após seu encontro e seu batismo com João, no “deserto”. Jesus, a partir daí, rompe com os laços ideológicos da ordem familiar, social e religiosa. Inicia então o seu ministério, com o anúncio da conversão à justiça que liberta o mundo da opressão do pecado. Após uma estada na Judeia e no além Jordão, como discípulo de João, Jesus inova, com seu ministério ambulante, rural e citadino, na Galileia. A Galileia, terra dos pagãos (Is 8,23b), território integrante do antigo Israel dispersado pela Assíria, região submetida à Judeia pelo asmoneu João Hircano (ano 104 a.C.), estava à margem do estrito judaísmo centralizado em Jerusalém.

A pregação de João Batista alarmara o poder teocrático do Templo. Após a prisão e execução de João, os chefes religiosos estavam atentos a qualquer outra manifestação de seus discípulos. Assim, a fama de Jesus, que se propaga na marginal Galileia, chama a atenção e fica sob a observação deste poder teocrático central.

As relações de Jesus são com os discípulos, com o povo (*ochlôs* – multidões excluídas) e com os representantes oficiais do judaísmo. As relações com o judaísmo não têm apenas um caráter exclusivamente religioso. Têm, também, um caráter político, pois a Judeia era uma teocracia governada pelo poder religioso sediado no Templo de Jerusalém e submisso ao Império Romano. A contestação do poder teocrático judeu pode significar também, indiretamente, a contestação do poder romano.

Enquanto que nos demais evangelistas, principalmente Mateus e João, são apresentados vários discursos de Jesus, em Marcos Jesus ensina mais por seus atos, por sua prática, do que por palavras. Podemos ver na prática de Jesus um alcance comunitário, social e político.

A prática de Jesus é uma prática libertadora. Na sua terra, a Galileia, Ele experimentava a opressão do sistema do Templo de Jerusalém e a opressão do Império Romano. O seu empenho é em denunciar os mecanismos de opressão social, agir com liberdade em relação a estes mecanismos e estar presente junto ao povo, com gestos concretos de libertação. Os atos de poder (*dynamis* – nos sinóticos; traduzido por: milagre) ou os sinais (*sêmeion* – em João) eram atos de libertação das diversas formas de sequelas da exclusão do povo – doença, desinformação, desestímulo, humilhação e a submissão à forte ideologia religiosa do judaísmo. A exclusão gera a morte. A libertação é para a restauração da vida, para a alegria, a partilha, o serviço e o amor que, em Jesus, é comunhão com o próprio Deus.

Vários atos libertadores de Jesus podem ser lembrados:

\* Logo no início do seu ministério a libertação do homem possuído pelo espírito impuro, na sinagoga.

\* O anúncio do perdão dos pecados de um paralítico, como uma libertação da Lei, segundo a qual os pecados só seriam perdoados mediante ofertas ao Templo de Jerusalém.

\* As diversas curas no sábado também desafiam os preceitos legais; são inúmeras as críticas às tradições farisaicas. Podemos destacar a prevenção aos discípulos quanto ao fermento da ideologia dos fariseus e de Herodes (Mc 8,15).

\* Na cena da expulsão dos vendedores do Templo e no discurso, no dia seguinte, em Marcos (11,15-19; 13,1-2) temos a implosão figurada do Templo, posteriormente concretizada pelos romanos. “A própria oposição de Marcos ao estado-templo explica seu tratamento hostil da ideologia do suposto restauracionismo da filiação davídica”<sup>4</sup>.

\* A expulsão da legião de espíritos impuros do homem geraseno, em território gentílico, pode exprimir a libertação dos oprimidos pelas legiões romanas.

\* Na narrativa do imposto a César (Mc 2,13-17) temos a contestação da divindade de César, a denúncia da riqueza injusta por ele acumulada e a proposta da adesão à ação libertadora de Deus.

\* O fato de Herodes ver Jesus como João Batista, por ele executado, ressuscitado dentre os mortos (Mc 6,14.16), indica o alcance da ação libertadora de Jesus ao nível do poder preposto romano, à semelhança da ação de João.

\* A cruz de Jesus, bem como o martírio de João Batista, é a denúncia perene do poder que pretende destruir qualquer ação libertadora e promotora da vida. A cruz é a revelação de quem são os agentes da morte. Na cruz de Jesus identificam-se os agentes: o governador romano e a teocracia judaica, inclusive com parte do povo dominado por sua ideologia.

O Deus de Jesus de Nazaré é o Deus da vida, que quer vida para todos. O deus do poder econômico é o dinheiro acumulado a partir da exploração do trabalho, poder que elimina a justiça e implanta a corrupção e a violência das armas, semeando a morte. E ainda promove a idolatria do dinheiro, que toma a forma de uma ideologia que submete multidões.

A grande novidade que nos rejuvenesce é a presença de Jesus em nossas vidas, na simplicidade, na humildade e na fragilidade, muito semelhante a nós e ao nosso próximo, principalmente os mais excluídos e empobrecidos. Viver na simplicidade e no despojamento, dedicado ao serviço da vida, servindo aos mais

4. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 94.

necessitados e carentes. Comunhão de vida com os excluídos, tanto nas relações pessoais como nas relações sociais; a esmola como partilha e a política como transformação social, na construção de um mundo de fraternidade e justiça. Os bens da criação são para todos, e não podem ser retidos por alguns ambiciosos, que os acumulam na injustiça; a partilha dos bens é uma questão social e política. A salvação, o Reino de Deus, deve realizar-se neste mundo por atos de amor e de justiça.

Em Jesus é assumida toda a humanidade, toda a natureza e o cosmos. Jesus é a nova criatura, pelo qual todo o mundo é renovado por Deus. Todos os valores humanos são assumidos e eternizados em Jesus. Em Jesus brilha a luz da aurora de um mundo novo. É a luz da vida divina que se comunica a homens e mulheres no amor e na misericórdia. É a luz que dissipa as trevas dos poderosos que, com seus projetos ambiciosos e seu mercado macabro, são executivos da fome e da guerra e fabricam a morte.

Em Jesus, Deus revela que a dignidade da humanidade não está nos tradicionais valores de poder e sucesso, mas no amor que se doa e comunica vida. Em Jesus se realiza o projeto de Deus de comunicar sua vida divina e eterna às suas criaturas, homem e mulher, transformando o mundo pelo amor, praticado na vida comum do dia a dia, trazendo a paz e a vida plena para todos. Fica assim, em evidência, que a encarnação é o acontecimento salvífico, pelo qual Deus, fazendo-se humano, a humanidade é assumida na condição divina e eterna.

Com Jesus acontece a infinita encarnação do amor. É o amor que se manifesta na promoção da vida, na justiça, na partilha dos bens e distribuição das riquezas acumuladas, no resgate da dignidade humana, na superação de toda exclusão, carência, pobreza e miséria.

“Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

*José Raimundo Oliva*

E-mail: jraimundooliva@hotmail.com

## **Bibliografia**

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible unearthed*. Nova York: Touchstone, 2002 (*E a Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2003; edição esgotada).
- GARAUDY, Roger. *Deus é necessário?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

GARBINI, Giovanni. *History and ideology in ancient Israel*. Londres: SCM Press Ltd, 1997.

HORSLEY, Richard. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia – História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição – Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

VV.AA. *A Bíblia pós-moderna – Bíblia e cultura coletiva*. São Paulo: Loyola, 2000.

VV.AA.; GUNDRY, Stanley (org.). *Deus mandou matar? 4 pontos de vista sobre o genocídio cananeu*. São Paulo: Vida, 2006.